

TRÊS MULHERES NA CONSTITUINTE

A luta pelo prestígio sem a ajuda dos maridos

AFONSO COZZOLINO
Da Editoria de Política

Na Constituinte elas são 25 dos 559 eleitos. Na Comissão da Soberania e dos Direitos e Garantias do Homem e da Mulher, as mulheres constituintes são apenas três titulares. Há dois meses, desde o início dos trabalhos das subcomissões, as deputadas Anna Maria Rattes (PMDB-RJ), Lúcia Braga (PFL-PB) e Lúcia Vânia (PMDB-GO) vêm se caracterizando pela defesa de idéias até certo ponto progressistas, em meio a uma esmagadora maioria conservadora. O fato de serem mulheres e progressistas, entretanto, não é o único ponto em comum entre as três.

Todas estão em primeiro mandato e têm seus nomes ligados aos dos maridos, políticos prestigiados. As três, em contrapartida, estão empenhadas na formação de uma imagem própria, independente da deles. Anna Maria Rattes, Lúcia Vânia e Lúcia Braga chegaram ao Congresso após a realização de trabalhos junto à comunidade, na condição de primeiras damas do município ou do Estado. Cada uma delas afirma que sua candidatura partiu do povo, de maneira inesperada.

Sobre a questão da mulher, todas acreditam que a nova Constituição avançará, apesar da ação dos conservadores. Nesta entrevista ao CORREIO BRAZILIENSE, no entanto, a conversa girou mais em torno do machismo e do feminismo. Anna Maria Rattes, advogada, 47 anos, Lúcia Braga, assistente social, 52 anos, e Lúcia Vânia, jornalista, 42 anos, inclusive, reconhecem que dentro de suas próprias casas a luta por igualdade entre homens e mulheres ainda não terminou.

Na Comissão da Soberania e dos Direitos e Garantias do Homem e da Mulher há 60 homens e apenas três mulheres. Em algum momento houve preconceito?

Lúcia Braga — Individualmente eu não senti discriminação, não senti posições preconceituosas, pelo menos abertas. Eu acho que houve respeito. Em determinados discursos, no entanto, houve posições preconceituosas, que colocaram a mulher em geral como objeto, não só sexual, mas de atenção e de ternura. Na discussão sobre homossexualismo, por exemplo, alguns homens disseram: "Mas daqui a pouco os homossexuais vão querer tomar o lugar das nossas

mulheres". Isso me chocou.

Anna Maria Rattes — Não podemos dizer que são 60 homens contra três mulheres. Existem muitos homens que estão perfeitamente coerentes com a luta da mulher, inclusive o nosso maior aliado é o relator da comissão, senador José Paulo Bisol. Agora, existe muito preconceito por parte dos conservadores que estão lá dentro. Eu posso dividir a comissão em três grupos bastante distintos: aqueles que estão ao nosso lado, os que têm um machismo disfarçado e mal resolvido e os machistas declarados.

Lúcia Vânia — Acredito que muitos constituintes ainda não encamparam as nossas propostas, em função de desconhecem o nosso trabalho. Não diria

que houve machismo. São os condicionamentos culturais que temos aí, não apenas por parte dos homens.

Os machistas declarados são maioria na comissão?

Anna Maria Rattes — Eles são mais organizados e se fizeram presentes quando sentiram todo o peso que tem a comissão dentro da Constituinte.

Pessoalmente, alguma das senhoras já se sentiu discriminada?

Lúcia Vânia — Nós estamos participando de uma atividade que é pouco afeita à área feminina. Naturalmente, a posição da mulher na política é vista, até certo ponto, com desconfiança. Isso faz com que haja discriminação. Durante a campanha eu tive momentos de dificuldade. Muitas vezes as pessoas não nos avaliam pela capacidade, pela experiência, pelo desejo de participação, que é visto como uma certa vaidade da mulher.

Lúcia Braga — Foi muito difícil chegar até aqui. Eu fui votada no meu Estado por 92 mil eleitores mas havia uma não-aceitação dos próprios políticos do meu partido à minha candidatura. Em comícios, por exemplo, eu era a última a falar.

Anna Maria Rattes — Eu tenho uma história de discriminação dentro do próprio PMDB. Aliás, uma história que muita gente não gosta que eu conte. Apesar de todo o meu trabalho social, desenvolvido nas bases, tenho absoluta certeza de que não teria conseguido uma legenda dentro do partido se o meu marido não fosse um dos fundadores do PMDB.

Cada uma das senhoras tem seu nome ligado ao do marido que, sem exceção, é um político de prestígio. Até que ponto isso pesa?

Anna Maria Rattes — Meu nome é e não é ligado ao do meu marido (Paulo Rattes, prefeito de Petrópolis). Eu sei que consegui uma legenda por causa dele, mas a minha luta política não é a mesma luta política dele. Eu faço um trabalho mais ligado às bases, ao oprimido. Ser mulher de um político consagrado tem seus prós e contras. Aqui no Congresso, por exemplo, sou recebida com calor humano por outros deputados que já foram colegas dele. Mas se eu vincular o meu trabalho ao dele, acabo não adquirindo personalidade própria.

Lúcia Braga — Meu marido (Wilson Braga, ex-governador



Lúcia Braga, sempre a última a falar nos comícios. Lúcia Vânia: atuação da mulher na política é vista com desconfiança. Anna Maria Rattes denuncia a discriminação dentro do PMDB



da Paraíba) sempre foi benquistouista nessa Casa e eu me sinto acolhida. Mas eu acho que também sou respeitada pela minha atuação. Não sinto dificuldade ou favoritismo. Mesmo durante o governo, isso nunca aconteceu. A gente conseguiu se firmar, cada um no seu aspecto.

Lúcia Vânia — Eu e o meu marido (Irapuam Costa Júnior, senador) tentamos não nos deixar caracterizar como casal 20. Acho até desrespeitosa essa caracterização, porque nós fizemos campanhas separadas. Não saímos vendendo nos palanques esperança, fantasia, nada disso. Aqui dentro do Congresso estou tendo mais dificuldade para firmar minha posição justamente porque optei por não usar o prestígio dele como senador para me tornar conhecida. Vou devagar e quero me tornar conhecida pelo meu trabalho e pelas minhas posições.

Mulher vota em mulher?

Lúcia Vânia — Eu acredito que tive uma votação enorme da ala feminina. Fui a segunda mais votada do Estado, com quase 85 mil votos. Acho que esse problema de mulher não votar em mulher é também um condicionamento, pois nós fomos educadas para achar que os homens devem ter as posições de decisão.

Anna Maria Rattes — Eu acho que fui votada por homem e por mulher. Eu achava que a postura do homem do interior era de desconfiança em relação à mulher na política. Mas eles me receberam com muita confiança, para a minha surpresa. As mulheres, por sua vez, confiaram em mim porque me viram como uma pessoa capaz de abraçar as lutas comuns, enquanto mulher. Os homens, creio eu, confiaram porque acham que os homens estão descredenciados.

Lúcia Braga — As mulheres às vezes não são muito solidárias, mas comigo aconteceu o contrário. Tive apoio das mulheres de classe média e de classe mais pobre. Em compensação, acho que não tive o voto da mulher rica, não. A mulher rica, que é mais preparada, foi mais preconceituosa do que a mulher pobre, que votou em mim como uma figura humana, independente de sexo.

A atuação das mulheres constituintes em bloco já funciona?

Lúcia Braga — Conseguimos o milagre do suprapartidarismo. Realmente a gente tem sido unida, em termos da luta da

mulher. A gente deixa de lado sigla partidária, posição ideológica e se une. Evitamos os problemas mais dogmáticos, de formação, como a questão do aborto, para evitar a desunião.

Anna Maria Rattes — A atuação das mulheres em bloco não é homogênea, mas sem dúvida estamos conseguindo marcar uma posição.

Lúcia Vânia — Nosso trabalho está funcionando justamente porque resolvemos nos unir somente nos pontos convergentes, especialmente nos que dizem respeito à mulher.

Muito se fala em igualdade entre os sexos. Todas as senhoras têm filhos e filhas. Dentro de casa esse problema já foi resolvido?

Lúcia Braga — Eu acho que, infelizmente, meu filho, de 21 anos, é machista. Mas por outro lado, minha filha, de 18 anos, é feminista. Ela se afirma desde que era pequena. Mas a luta por igualdade ainda não terminou.

Lúcia Vânia — A gente faz um esforço enorme para que o machismo seja superado, mas a superação não é total, nem poderia ser, porque meus três filhos estão inseridos num contexto. De certa forma, temos procurado dar a eles uma educação moderna, com a mesma liberdade para os dois rapazes e para a moça. Mas não é fácil: há sempre aquela preocupação de superproteger a mulher. Ainda mais que a minha é única. Não considero minha filha, que tem 18 anos, feminista, nem meus filhos, de 21 e de 15 anos, machistas. Eles, sem dúvida, avançaram muito em relação aos pais.

Anna Maria Rattes — Esse é um problema que em minha casa também não foi totalmente resolvido. Minha filha tem 23 anos, tem um filho e é separada. Vive a vida dela. E bem feminista, bem livre e dona do seu nariz. Os meninos, quer dizer, os meus homens — um tem 22 e o outro tem 21 — Estão levando a vida deles, mas ainda não conseguiram assimilar uma postura de igualdade em relação à moça. E um confronto que a gente vive dentro de casa, até por um machismo que eu mesma passei para eles na educação que lhes dei. Mas eles estão avançando.

Seus filhos são menos machistas que rapazes da idade deles de, por exemplo, 15 anos atrás?

Anna Maria Rattes — Evidentemente, se não eu dava um tiro na cabeça...